

# Artes DIASTICAS

## A civilização e as artes

WALTER WAENY JUNIOR

Esse absurdo falat em decadência, numa época em que todos estão perplexos com os progressos da ciência. Usar papel manipulado pelos processos mais modernos, para afirmar que o homem retrocede a passos largos, parece uma contradição e até mesmo um absurdo. Utilizar os métodos aperfeiçoados de difusão que a técnica conquistou e servir-se deles para asseverar que, em breve, teremos atingido, de novo, o degrau inicial da escada que, durante tantos séculos, esforçamo-nos por galgar, assemelha-se a uma profanação e a uma falta de compreensão da era em que se vive. Todas as civilizações, porém, têm o seu esplendor e todas elas, depois de haverem atingido, apressam lentamente e se transformam em ruínas. Se, no tempo dos faraós, alguns houvessem afirmado que toda a grandiosa de Memphis e de Tebas seria esmagada pelas areias do deserto, seria taxado de insano e, no entanto, teria razão. Os sacerdotes que selaram os tumulos dos faraós, julgaram have-lo feito para sempre e nunca poderiam supor que outros homens violassem aqueles lugares e espalhassem, pelos varios continentes, as prendas reais dos seus senhores. Ninguém poderia supor, sequer, que Cartago fosse, um dia, esmagada pelos seus inimigos e ficasse reduzida a algumas ruínas esquecidas às margens do Mediterraneo. Todas as civilizações, porém, têm o seu esplendor e todas elas declinam e morrem, algumas, por força dos exercitos inimigos e outras, destruídas por si mesmas. Cartago foi esmagada por Scipião, o Africano e Roma foi exterminada, na verdade, pelas suas orgias. De Cartago, nada resta e de Roma, resta uma outra cidade que, de comum com a anterior, tem apenas a localização. Roma e Athenas conservam o Colyseu e o Parthenon como símbolos da sua grandiosa passada, mas eles estão vazios, porque a alma da civilização de antigamente, esmoreceu e se desfez. Das civilizações que se deslizeram em pó, restam, apenas, as obras dos seus artistas, as descobertas dos seus sábios e as premissas dos seus pensadores. Esse é o unico legado que as civilizações mortas deixam para aquelas que ainda devem nascer. E' uma tocha que não deve apagar-se e que os posterios recebem, com a missão de entregá-la acesa a aqueles que serão os seus herdeiros.



Quando a vida de um nação termina sob o tacão de um exercito invasor e os seus habitantes são passados a fio de espada pelos seus vencedores, o processo historico é interrompido bruscamente, porque o fim é determinado por causas externas. Quando, porém, isso não ocorre e a nação é destruída por si mesma, para receber, apenas, um golpe de misericórdia de um exercito invasor, o processo historico é completo e pode-se avaliá-lo na integra. Quando uma nação não é destruída em campo de batalha, ela é esmagada por aqueles que nela nasceram mas que foram indígios de haverem nascido nela. As orgias e o dinheiro são o punhal com que se matam as civilizações que não foram mortas pela espada dos hostes inimigas. A devassidão é um virus para o qual a ciência não pode encontrar um antídoto. As agores que sobrevivem aos vendavais, são destruídas pela podridão.

Quando o processo historico não é interrompido, assiste-se ao processo químico da podridão. A arte e a filosofia são avassaladas pela morte lenta e, invés de fautores da grandiosa, se transformam em cúmplices da decadência. O processo de desagração começa pela arte e asseñoreia-se da filosofia para, afinal, decretar o fim de tudo. Quando a arte perde o seu colorido heroico e a filosofia perde o seu cunho estoico, as civilizações decaem e morrem. Em tese, a epopéia é a expressão da juventude de um povo; o drama, a expressão da sua maturidade; e a comédia o começo do seu fim. Depois dele, vem o cinismo e, ao fim de tudo, o elogio do vicio.

O mesmo ocorre com a filosofia. O estoicismo espelha a juventude; a psicologia é a sua maturidade; e o utilitarismo é o começo do seu fim. Depois dele, vem o cinismo e, ao fim de tudo, o elogio do vicio.

Como se pode ver, o vicio se apodera de tudo. Tudo se subordina a ele. Quando isso ocorre, a arte serve para decorar o ambiente das orgias e a filosofia serve para justificar, diante de si mesmos, aqueles que as frequentam. Até mesmo a ciência, muito menos permeável a esse processo historico, se adapta, em parte, a ele, porque ela existe em função do homem e, sob diversas formas — manipulada por ele — serve à sua devassidão. Outra, a ciência se restringe a pesquisas no terreno da botânica, da mineralogia, etc., não tendo tido, portanto, uma ação preponderante como, hoje em dia tem. A ciência, antigamente, tinha uma função coadjuvante no processo historico dos povos mas, à medida que os anos se passaram, a sua importância foi crescendo, e, hoje, tem mais importância que a arte e a filosofia, como determinante na vida dos povos, porque, agora, está em condições de destruir de um só golpe, causando, assim não só o fim da nossa civilização como, também, o fim de toda a espécie humana. A ciência que — por um lado — é uma arma em prol da saúde dos homens, é, — por outro lado — uma das causas do seu atual envenenamento e do seu natural desfecho progressivo. Se, no tempo da Grecia antiga, a sua importância era quase nula, ela conquistou, hoje em dia, o lugar que merece. Conquistou, até mesmo, mais do que isso, porque nos transformou em seus adoradores. Ao invés de existir em função do homem, faz com que o homem de hoje em dia julgue ser possível existir em função dela. Conquistou, portanto, não só o lugar que lhe cabia, como, também, o lugar que não lhe cabia.

## Prorrogado o prazo de inscrições à V Bial

Em reunião realizada sábado ultimo, a comissão organizadora da V Bial de São Paulo resolveu prorrogar a data de encerramento das inscrições e entregas de fichas de concorrentes, até o dia 5 de abril proximo. Ficou deliberado também que este ano o artista poderá expor nas quatro secções existentes, o que não aconteceu nas mostras anteriores, contanto que obedeça ao limite de obras para cada secção, que será o seguinte: Pintura — 5, Escultura — 5, Desenho — 8, e Gravura — 3.

## Galeria das Folhas — um ano de atividade



Em nosso clichê, os expositores concretistas Luis Sacilotto diante de um de seus trabalhos; Kazmer Fejer e uma de suas esculturas de materia plastica; a srta. Judite Lauand e o concretista Decio Pinhatari, em palestra com Oswald de Andrade Filho.

Encerrando o ciclo inicial de suas atividades, relativas ao ano de 1958, a Galeria das "Folhas" apresenta uma exposição dos artistas concretistas Hermelindo Flamminghi, Judite Lauand, Luis Sacilotto, Maurício Lima, Kazmer Fejer e Waldemar Cordeiro, mostra que apresenta o que há de melhor em S. Paulo nesse setor.

O concretismo é uma escola muito característica, que se coloca de maneira totalmente apartada das outras. Para nós, o concretismo, quando consegue atingir alguma beleza, atinge a pureza gelada das ciencias exatas. Isso nos faz pensar em uma situação de nítida arte. Isso, porém, torna-se possível quando os artistas atingem um nível muito alto o que não acontece com os que expõem nas "Folhas". Além do movimento concretista, de modo geral, é fraco em São Paulo, dele não fazendo parte nenhum grande artista.

Interessaram-nos bastante algumas experiencias com materiais novos que, bem aproveitados, poderão dar um resultado de primazia ordem: tintas sintéticas, materia plastica, etc. Cremos que, em decoração, as soluções concretistas seriam boas. Não diríamos que se pudessem empregar a forma e o espirito concretistas como painel. Poderia ser uma parte integrante do edificio, fosse ele grande ou pequeno. Cremos que assim tudo funcionaria melhor. O quadro de cavalete não consegue conceber nas experiencias concretas.

Não entendemos porque é que esses artistas têm tanto horror de serem chamados de decorativos. Nuncas, quando empregamos esse termo, queremos dar à palavra um sentido pejorativo. Apenas é a finalidade de uma coisa diferente da outra. Quando a obra é boa, nada impede que ela seja decorativa. Cremos que os mais fortes do grupo que integra a exposição das "Folhas" são Luis Sacilotto e Maurício N. Lima. Assim mesmo não sentimos nestes dois ar-

de uma realização decidida de expressão nacional — tudo isto teve paralelos no desenvolvimento do país. E isto é o que mais uma vez ficou demonstrado na recente exposição "Quatorze Mestres Americanos" — Quadros dos Tempos Coloniais até hoje" apresentada no Museu Metropolitan de Arte de Nova York, a qual, cobrindo um período de dois séculos, permite um estudo do desenvolvimento da arte americana.

Uma das galerias mais belas da exposição é a dedicada a John Singleton Copley, retratista — talvez o maior surgido nos Estados Unidos, e que se acha ligado intimamente com o retrato d'apparat, uma forma rococó em que a pessoa era apresentada no ambiente de sua vida diaria. Copley sempre foi feliz em reproduzir a expressão característica e gestos das pessoas retratadas.

Quito pintor colonial apresentado é Gilbert Stuart, mais conhecido por seus retratos de George Washington. Na verdade, o conceito visual que se tem do primeiro presidente norte-americano desta mostra do trabalho de Stuart, cujos retratos são marcados pelo preciosismo dos detalhes que contribuem para a excelência da obra.

O realismo é representado por George Innes, artista autodidata cujas primeiras obras — como "Fas e Abundância", inspirado no fim da Guerra Civil — seguiram a orientação dos pintores anônimos da chamada Escola do Rio Hudson, e por Thomas Eakins, que transmittia à tela exatamente aquilo que via. Uma de suas obras estupendas é o retrato de sua esposa com um cão.

Na ultima década do século XIX, o numero de artistas americanos que se viram sob a influencia dos impressionistas e os impressores japoneses foram James McNeill Whistler, John Singer Sargent, Mary Cassatt e Childe Hassam.

Em principio, deste século verificou-se a revolta contra a estetica dos impressionistas; primeiro, com a exposição dos Oito Pintores Americanos em 1908 e, subsequentemente, com os participantes da Exposição de Nova York de 1913. Entre os artistas que introduziram a arte moderna nos Estados Unidos, destacam-se Walk Kuhn, John Steuart Curry, um dos criadores da escola conhecida como da "Paisagem Americana" e cujo famoso quadro do líder abolicionista John Brown é um dos trabalhos mais marcantes da actual exposição; finalmente, mais proximo da actualidade, John Marin (falecido em 1953), artista vigoroso e original; Georgia O'Keeffe, considerada a maior pintora americana viva, e Edward Hopper, "deão" dos artistas americanos vivos.

## Exposição de Desenhos

Realizar-se no proximo dia 5 de fevereiro, na Galeria Prestes Maia — "Salão Almeida Junior" — a mostra do pintor pernambucano José Barbosa Pedrosa. A exposição constará de cerca de 40 desenhos sobre arredores de São Paulo.

## Entrega de premios do 23.º Salão Paulista de Belas Artes

Realiza-se hoje, às 16 horas, na sede do Serviço de Fiscalização Artística, praça da Luz, 2, a entrega dos premios conferidos no XXIII Salão Paulista de Belas Artes. Deverão comparecer à solenidade, a fim de receberem os seus premios, os seguintes artistas: Catarina Baratelli, Takeshi Suzuki, Durval Pereira, Luis Bruno da Silva, Luis Atílio Fiore, José De Diago, Orestes Pessoa, Cesar Anderson, Misabel Pedrosa, Lázaro de Freitas, Nabich Macklé, Judite Gabus, Marina Costa Manso, Laurindo Galante, Victor Meshkowsky, Gerson Charleaux, Arlindo Ortolani, Ricardo Cipichia, Luis Morrone, Vicente Larocca, Dante Croce, Delma Ameris, Alfredo Galanti, Clara Lucon, Itakichi Yamamoto, Hoover Americo Sampaio, Armando Moral Sandim, Germana de

Angelis, Aida Norberto Tetti, Lisa Lamun, Alberto Thomas, Eitor Federich, Colde Pujol, Luis Gualberto, Pedro de Alzaga, Salvador Rodrigues Junior, Geraldo de Sousa, Vicente Castano, O Meccozzi, Mario Campos Pacheco, Juan José Santamaría Alvarez, José Cuó, Rafael Samu, Clara Lucon, Joaquim da Rocha Ferreira, Orlando Tarquinio, Iolanda Malozzi, Vicente Larocca, Nicola Petti, B. J. Tobias, Arlindo Castellani di Carli, Edvigenga da Cunha Bastros, Laurindo Galante, José Fleury de Oliveira, João Xavier, Marcel Dominique Russi, Adelaide Sampaio, Yoshitsa Takacha, Rafael Galvez, Nestor Lindenberg, Francisco Carlos Paulo Cuoco e representantes das familias dos seguintes artistas, já falecidos: Charitas Brandt Gaspari, Agnes Stein e Amleto Nicola D. Sammarco.

**GALERIA DE ARTE ITÁ**  
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 70  
EXPOSIÇÃO DE  
**TRABALHOS EM FERRO E METAL**  
(FERRONNERIE D'ART)  
DE  
**RENÉ LOUSTAUD**  
SOB O PATROCÍNIO DA  
CASA DE CULTURA FRANCESA  
ALIANÇA FRANCESA  
DE 15 A 31 DE JANEIRO

Realiza-se, na Galeria de Arte "Itá", à rua Barão de Itapetininga, 70, a exposição de trabalhos em ferro e metal (ferronnerie d'art), do destacado artista francês René Loustaud, sob o patrocínio da Casa de Cultura Francesa, de São Paulo.

## O Salão das Tulherias

Paris — O Salão das Tulherias 1958 ocupa atualmente as salas do Museu Galliera. O Salão apresenta, como todos os anos, uma seleção de obras artísticas pertencentes a todas as tendencias da arte atual, escolhidas rigorosamente. Esse ano, excepcionalmente, os organizadores convidaram a expôr artistas jovens, sob a inteira responsabilidade propria dos expositores. Dessa maneira, sem nada perder de seu espirito, o Salão das Tulherias se mostra influenciado por um impulso de modernidade.